

A METODOLOGIA DA VACA: RASTROS PARA UM CAMINHO NA COMUNICAÇÃO DO SENSÍVEL

BRUNA CARDOSO DE OLIVEIRA¹

Resumo

A Comunicação do Sensível é uma nomenclatura dada por nós para abordar uma Comunicação ontológica, algo que tenta se aproximar da origem e do princípio da Comunicação. Neste trabalho buscamos compreender e nos aproximar da noção da Comunicação do Sensível pela metodologia da vaca, uma metodologia ruminante. Nos alimentaremos dos acontecimentos cotidianos, das lembranças, das sensações, das reminiscências. Todas elas como alimento ao corpo. E então ruminaremos. Lentamente, incessantemente até deixarmos que o alimento ruminado seja absorvido. O ruminar da vaca é paciente, é essencial. Quebra a lógica do imediato, da absorção instantânea. Nos alimentaremos da calma, do tempo de cada coisa, do próprio pensamento ruminante.

Palavras-chave: Comunicação do Sensível; Metodologia da Vaca; Corpo.

Introdução

A Comunicação do Sensível é uma nomenclatura dada por nós para abordar uma Comunicação ontológica, algo que tenta se aproximar da origem e do princípio da Comunicação. O ser humano em sua constituição psíquica necessita estabelecer elos de troca com o outro para desenvolver sua própria compreensão acerca de si. Comunicar é parte da natureza do ser, e nos constitui de maneira indissociável e imprescindível. Comunicar é um leque de possibilidades infinitas e informes completamente distintos em níveis, nuances e profundidades. Neste trabalho, olharemos para uma expressão da Comunicação, a Comunicação do fundamento, aquela essencial, primeira a alcançar nosso corpo, nossos sentimentos e sensações antes mesmo de racionalizações, verbalizações ou depoimentos. Vamos em busca da Comunicação que atinge o corpo em sua carne e o atravessa para alcançar um novo lugar, uma nova realidade pertencente apenas àqueles que viveram o instante oportuno. Uma realidade impalpável construída por afetos e lembranças, experiências sentidas na carne e engolidas pelo corpo para se tornarem o próprio ser.

Neste trabalho buscamos compreender e nos aproximar da noção da Comunicação do Sensível pela metodologia da vaca, uma metodologia ruminante. Nos alimentaremos dos acontecimentos cotidianos, das lembranças, das sensações, das reminiscências. Todas elas como alimento ao corpo. E então ruminaremos, ruminaremos e ruminaremos. Lentamente, incessantemente até deixarmos que o alimento ruminado seja absorvido. O ruminar da vaca é paciente, é essencial. Quebra a lógica do

¹ Mestra pelo programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Católica de Brasília. Orientadora: Prof. Dra. Florence Marie Dravet. E-mail: brunacarolli@gmail.com

imediatos, da absorção instantânea. Nos alimentaremos da calma, do tempo de cada coisa, do próprio pensamento ruminante.

O caminho que percorremos, a metodologia que executamos, a vaca que ruma os próprios rastros, que se cerca de sua experiência, de sua compreensão do sentir, do estar viva, nos faz pouco a pouco reconhecer em nós o que procuramos. Faz com que tomemos para nós o papel de narradores em busca da experiência essencial, em busca do próprio corpo adormecido, das infinitudes da vida, das essências escondidas em cada elemento pesquisado. Este caminho nos relembra a importância salutar da voltarmos a atenção ao cuidado não apenas com aquilo que se define, mas também com o que é ilimitado e infinito.

Parte Única

É da natureza humana o contato com o outro, a descoberta, a abertura. Comunicamo-nos necessariamente porque essa é uma condição para nossa existência. O afeto nos possibilita a relação com a Comunicação do Sensível, aquela que nos surge depois de assumirmos o risco da experiência da vida. Arriscados, comunicamos a presença dessa experiência no interior do mundo. Arriscados, continuamos em silêncios e devires. Porque o movimento é necessário. Estamos sós, apenas o eu e o outro que nos surge quando somos abertos. Não conseguimos compartilhar de fato, o evento que nos toma a cada situação de experiência de vida. Nunca o conseguiremos. Poderemos ambos passar por situações semelhantes, mas o evento que aconteceu em mim, continuará assim, secreto e misterioso para qualquer outro ser que habite fora de meu próprio corpo. Por isso ruminamos. Comunicamos apenas impressões do que de fato sentimos, ou pensamos. Revisitamos essas lembranças de vida para nomeá-las e significá-las, para dar-lhes um corpo fora do nosso como se isso dessa uma independência relativa aquilo que apenas eu sinto dentro de mim.

O ruminar é esse movimento de saborear o que está incorporado. Trazer a boca aquilo que foi vivido e engolido, mastigar. Sentir o sabor daquilo que agora nos pertence. O primeiro passo metodológico da vaca? Viver. Ir atrás do capim para comê-lo. Soa ridículo pensar assim? Pense bem, ruminar é entregar-se a natureza primeira de sobrevivência deixar-se permitir às vivências que nos alimentam.

Gostaria de expor uma experiência de vida. Trazer uma tentativa minha de arriscar-me a mim. Era 15 de abril de 2015, trabalhava com filmagem de propagandas. Estive fora da cidade onde moro por uma semana filmando um comercial para o Ministério da Agricultura e Pecuária. Visitamos diferentes fazendas pelo país para mostrar a variedade deste setor e a importância de todos os agricultores e pecuaristas do Brasil visando a realização de um cadastro proposto pelo governo. Nada diferente de um cotidiano mecânico e cheio de prazos e regras.

Passei por fazendas de cultivo de maçãs em SC, por fazendas leiteiras em MG, fazendas de soja em GO e fazendas de cultivo de uva em PE. Uma diversidade enorme, em culturas, sotaques, pessoas, formas de pensar, necessidades e aprendizados. Em especial, a visita a Petrolina – PE, no cultivo de uva, me foi extremamente marcante, a tal ponto de ter deixado em mim uma lembrança que

reage em meu peito todas as vezes que a retomo.

Petrolina é o maior polo exportador do Brasil de frutas como uva, mamão, melancia, goiaba e acerola. É uma cidade no interior de Pernambuco que faz divisa com Juazeiro – BA. Ambas cidades separadas apenas pelo rio São Francisco. Naquele dia estive de fato no sertão. Quente, seco, árido; e impressionantemente possível de ser verde com frutas e frutas crescendo no pé. Que contrariedade, poderíamos pensar. Aquela terra que em um primeiro contato nos passa a impressão de inóspita se torna fértil e pulsante simplesmente por ser irrigada. Este era o segredo da terra seca. Água. O São Francisco fecunda a terra do sertão, faz brotar vida das profundezas do chão regado por suas águas e pelo suor daqueles trabalhadores que fui filmar.

O sol nasce às 5h10 da manhã. Às 6h já está imenso no céu, claro, soberano, completo, e quente, muito quente. Às 6h30 homens e mulheres estão cobertos dos pés à cabeça arando a terra, semeando e colhendo. Eles são vários, anônimos, escondidos com seus corpos e rostos cobertos. Camisetas amarradas na frente da boca para se protegerem do céu e do sol. Respiram forte, cadenciam, viram ritmo, trabalham. Não levantam a cabeça, o ouro de suas vidas está na sola de seus pés e, quando maduros, na palma de suas mãos. E eu estava ali, observava tudo e observava a todos. Talvez, ninguém mais entre nós que filmávamos percebeu a força daquele rio que fecunda a terra seca. Eu que ainda não fecundei, não gerei, e por isso mesmo não colhi os frutos maduros de dentro de mim, senti em meu corpo a força desta possibilidade e constatei perante meus olhos o poder do tempo presente quando acolhido e cuidado.

Aquelas pessoas cuidavam da terra, acolhiam as limitações e as lamúrias que surgiam daquele cenário. Os sertanejos misturam uma bravura e uma candura instigantes; assim como a própria terra instigava ao ser fecundada na impossibilidade árida para se transformar em vida. Observei o olhar e as mãos daquelas pessoas. Neste momento, não consigo dizer o porquê desta escolha; ou ainda o porquê destas pistas se revelarem à mim. Os olhos deles eram profundos, como a linha do horizonte quando a noite chega. Eram olhos de natureza apagada, turva, misteriosa. Não saberia dizer o que sentiam, ou o que haviam carregado pela vida. Aqueles olhos não diziam, apenas guardavam, quietos. Esperavam o sol do outro dia, e do outro, e do outro. Olhos de espera. Olhos sem fundo que me capturaram.

Rilke dizia que: “As coisas estão longe de ser todas tão tangíveis e dizíveis quanto se nos pretenderia fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou” (RILKE, 1993, p.21). E no sertão e em seus filhos sertanejos eu senti o que Rilke sugeriu. Não há palavras que expliquem a fé que move o trabalho de quem mexe com a possibilidade de vida, mexe com a terra morta que, a bem da verdade, é terra viva em repouso. Ali não existiam palavras, regras, prêmios de arte, não sei sequer se existia deus. Certamente o deus morto de Nietzsche não estava ali. Aquela terra é o lugar em que nenhuma palavra pisou. Antes da palavra chega o céu, imenso, esmagador, infinito e justo, não há espaço para mais nada. Ele apenas existe; céu que se deita com aqueles sertanejos e sertanejas e oferece um tesouro valioso, encontrando no fundo dos olhos de cada um deles um descanso para a alma.

Eu vi o céu pegando fogo antes de virar escuridão. É absurdo. É imenso, imenso de verdade. Aquele instante atravessou meu olhar, saiu da imagem para virar formigamento no peito, sensação de cheio pelo corpo como se a qualquer momento alguma coisa fosse transbordar de mim. A terra engolia o sol. E sua boca era imensa, muito maior que aquela esfera de fogo. E a sua boca era impiedosa. Engolia tudo, engolia o calor, engolia a luz, engolia o canto dos bichos, as pessoas nos caminhos, as palavras que tentaram se aproximar, engolia a mim, muda, atravessada.

Eu me transformava junto com o dia que se tornava noite. Árida, meu corpo era terra viva em repouso. Seca, escura, silenciosa. Eu olhava com o peito, e ele respondia, afogado, gritava silencioso. Eu caía na boca da terra, era engolida, esmagada. Meu corpo pulsava. Inteiro. Eu estava presa àquela terra, àquele céu. Estava presa a mim. A solidão de tornar-me eu transformava todas as entranhas. Também era absurda e imensa. Era esmagada, engolida. Eu me tornei fogo tocando a terra e em alguns instantes iria ser escuro e mistério.

Sentada em um banco da van que nos levava de volta à cidade, ouvia o vento cortando a janela e quanto mais adiante íamos, mais o céu engolia cada fio de meus cabelos. Engolia meus olhos e eles se tornavam profundos porque já não estavam em meu rosto, mas haviam se virado para meu peito. Enxergavam para dentro o que acontecia para fora. Naquele momento me sentia só. Completamente só. Não me sentia nem gente, tinha virado uma paisagem, um exagero. Eu anoiteci. E sentia o calor do sol que havia engolido. Eu estava seca e muda. Era apenas uma paisagem que guardava o sol no fundo dos olhos. Misteriosos, quietos. À espera de parirem o sol no dia seguinte. Pensei nas pessoas que filmamos, nos olhos, nas rugas. A presença daqueles homens e mulheres confirmava toda ignorância humana para a parte invisível que nos constitui. Confirmava nosso medo absurdo de sentirmos o que somos por dentro, de sentirmos o que guardamos profundamente. Confirmava a imensidão do aberto, a força do improvável, mas talvez e, principalmente, a pequenez e a beleza em sentir a vida dentro de si mesmo.

Seria isto uma vivência do risco? Quem poderia saber? Eu que o vivi? Você que o leu? E o que aconteceu com você? Palavras continuaram apenas palavras? O seu corpo reagiu? Muito provavelmente, eu jamais conseguiria compartilhar de fato o que sinto com esta lembrança. Jamais. É uma contradição na comunicação, mas passível de uma terceira parte, uma possibilidade entre conseguir e não conseguir saber o que sinto. Essa terceira parte é um entre que nos faz compartilhar o que foi vivido por mim e agora também por você em forma de relato, gerando uma realidade de elo entre nós. Não estamos mais no que é e não é. Estamos no entre. A lógica do terceiro incluído citada por Nicolaeescu fala dessa possibilidade para o mundo quântico, entretanto, ousou dizer dessa possibilidade também no mundo macroscópico. A nova possibilidade nos aproxima nas diferenças e nas incompreensões, porque ela torna possível que nos atravessemos, nos acolhamos. Ela cria elos infundáveis porque está aberta. O afeto permite essa abertura. Ele estabelece conexões impensáveis e as transporta para uma realidade diferente da dicotomia. Temos um terceiro lugar.

No mundo quântico, a combinação entre o estado “sim” e “não” é um estado físi-

co admitido. O principal impacto cultural da revolução quântica foi, certamente, o questionamento do dogma físico contemporâneo da existência de um único nível de Realidade. A abordagem, ao mesmo tempo científica, cultural, social e espiritual – a transdisciplinaridade (NICOLESCU, 2009, p.04)

Permitir-se atravessar. Estamos falando de comunicação. A Comunicação do Sensível é religada pelo risco que permitimos ao nosso corpo construir, alcançando o outro em uma realidade que não é impositiva e fixa. Esta lembrança está marcada em meu corpo. Como uma memória extra, que toma todos os poros de minha pele, toma o ritmo de batimento cardíaco, toma a mansidão do meu olhar. Aconteceu por alguns instantes que tento resgatar. E agora lhe conto. Talvez isso o atravesse. Mas tudo continuará a ser um grande abismo. Eu me liguei a algo em mim, à uma realidade que não está no mundo que objetifica o mundo. Está no terceiro incluído. Esse que une o que parece contraditório para atravessar e permitir o infinito. Porque nunca alcançaremos a mesma medida para o que sinto e para o que sente. E o que poderia nos ligar apesar desse abismo? Ruminaremos com calma. A natureza é a mesma. Mesmo diversa e irreconhecível em cada um de nós. Grande contrariedade. Assim equilibramos a existência. Assim ficamos atentos para não deixar que os pesos da balança pendam para apenas um dos lados.

Ruminar a experiência é uma tentativa de estar aberto a nós. Estar aberto à possibilidade da vida, à autenticidade, aos imprevistos, às dores, às alegrias, aos calafrios. A metodologia da vaca vem como um exercício de ser. Uma variação entre quantificações, normas, delimitações e embates epistemológicos no campo da Comunicação. Antes de definirmos, experimentarmos para trazermos de novo à boca o gosto do que nos nutre.

Considerações Finais

Por que insistir em uma Comunicação tão incompreensível e exclusiva como a Comunicação do Sensível? Quando me propus a dizer o que é a Comunicação do Sensível, cometi meu primeiro engano. Defini-la seria perder o essencial. Ao fim deste trabalho alcançamos uma nova questão. Como encontrar a Comunicação do Sensível? Por onde ela paira? Ao que respondo ciente de que é apenas uma possibilidade: Ela está na essência da Comunicação. E onde está a essência da Comunicação? Ouso dizer, está na essência do próprio ser humano.

O caminho que percorremos, a metodologia que executamos, a vaca que ruma os próprios rastros, que se cerca de sua experiência, de sua compreensão do sentir, do estar viva, nos fez pouco a pouco reconhecer em nós o que procurávamos. Fez com que tomássemos para nós o papel de narradores em busca da experiência essencial, em busca do próprio corpo adormecido, das infinitudes da vida, das essências escondidas em cada elemento pesquisado. Este caminho nos lembrou a importância salutar da voltarmos a atenção ao cuidado não apenas com aquilo que se define, mas também com o que é ilimitado e infinito. Nossa natureza pertence a esse contraponto e esquecê-lo é matar o corpo ainda vivo, é apagar os vestígios de um caminho para o encontro do risco, do abismo. É ne-

gar o próprio corpo e sua alteridade, negar a chance do mistério, do silêncio, da porção do princípio feminino e seu estado de ser e estar atemporais e ilimitados. É perder a chance de equilibrar o fluxo para poder ser transformado pelo seu movimento. Ignorar o Aberto e a possibilidade de o sermos e o tocarmos.

A pesquisa aqui iniciada revela uma escavação ontológica, uma sondagem sobre o fundamento da Comunicação e do próprio ser humano. Compreender a essência da Comunicação nos resgata o olhar para a necessidade da nossa própria essência, a necessidade de uma virada no horizonte que hoje encaramos, de sermos engolidos pela terra e transformados pelo céu de nossos sonhos, nossos sentimentos, nossas percepções e intuições. Isso nos é valioso e deve ser encarado como tal. Outros estudos trabalham a perspectiva mitológica, a perspectiva do imaginário, semiótica, social, a perspectiva corporal. E todos eles precisam continuar para que não esqueçamos de olhar o fundamental dentro desta ciência. Estamos além das teorias, somos anteriores a elas. E não seria sensato nos encaixarmos ignorando a diversidade e subjetividade que nos constitui. Somos feito das estrelas e como elas continuaremos expandindo e nos transformando. Por sorte, assim talvez consigamos compreender mais e mais nosso coração e nossa verdade.

REFERÊNCIAS

NAVES, Danielle. **Encontros do metabolismo: Anotações sobre a estética kamperiana**. V ComCult: o que custa o virtual? São Paulo: 2015.

NICOLESCU, Basarab. **Contradição, lógica do terceiro incluído e níveis de realidade**. <http://www.emse.fr/aslc2009> - acesso em 26.05.2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia: ou Helenismo e Pessimismo**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

_____. **Genealogia da moral**. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

RILKE, Maria Rainer. **Cartas a um jovem poeta**. São Paulo, Globo, 1993. 31ª edição.

_____. **Elegias de Duíno**. São Paulo, Globo, 2001.